



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
CAMPUS BINACIONAL-OIAPOQUE  
CURSO LETRAS PORTUGUÊS/FRANCÊS**

**ELIZAMA NAHARA RAMOS MACEDO  
MARY DOS SANTOS VALES**

**MULTIFUNCIONALIDADE DA CONSTRUÇÃO *DIZQUE* NO FALAR  
AMAPAENSE: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DA  
LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO**

Oiapoque/AP  
2018

**ELIZAMA NAHARA RAMOS MACEDO**

**MARY DOS SANTOS VALES**

**MULTIFUNCIONALIDADE DA CONSTRUÇÃO *DIZQUE* NO FALAR  
AMAPAENSE: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DA  
LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Letras- Português/Francês, Campus Binacional de Oiapoque da Universidade Federal do Amapá, como requisito para obtenção do Grau de Licenciatura plena em Letras- Português/Francês.

**Orientador:** Prof. Msc. Anderson Monteiro Andrade

Oiapoque/AP  
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca do Campus Binacional da Universidade Federal do Amapá

M141m Macedo, Elizama Nahara Ramos.  
Multifuncionalidade da construção dizque no falar amapaense :  
uma análise sob a perspectiva da linguística funcional centrada no uso  
/ Elizama Nahara Ramos Macedo ; Mary dos Santos Vales. - 2018.  
40 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Coordenação do  
Curso de Letras Frânces - Universidade Federal do Amapá Campus  
Binacional, Oiapoque, 2018.

Orientador Prof. Me. Anderson Monteiro Andrade

1. Dizque. 2. Gramaticalização. 3. Funções Discursivas.

CDD 469.5

ELIZAMA NAHARA RAMOS MACEDO

MARY DOS SANTOS VALES

**MULTIFUNCIONALIDADE DA CONSTRUÇÃO *DIZQUE* NO FALAR  
AMAPAENSE: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DA  
LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO**

Trabalho de conclusão de curso submetido à banca examinadora como requisito para  
obtenção do Grau de Licenciatura em Letras- Português/Francês.

**Data:** 06/10/2018

**BANCA EXAMINADORA**



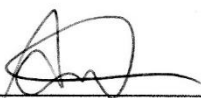
---

Prof<sup>o</sup>. Msc. Anderson Monteiro Andrade (UNIFAP)  
(Orientador)



---

Prof<sup>o</sup>. Esp. Max Silva do Espírito Santo (UNIFAP)  
(Examinador)



---

Prof<sup>o</sup>. Esp. Antônio dos Santos Leonel (UNIFAP)  
(Examinador)

Oiapoque/AP

2018

A todos os professores que nos proporcionaram o conhecimento. A palavra mestre nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais sem nominar terão os nossos eternos agradecimentos.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de nossas vidas e não somente nestes anos como universitárias, mas em todos os momentos, pois é o maior mestre que alguém pode conhecer.

Às nossas famílias por acreditarem e investirem em nós, por compreenderem nossas ausências, pelo apoio nos momentos difíceis e por estarem sempre presentes quando precisávamos.

À Instituição, Universidade Federal do Amapá, pela oportunidade de fazer o curso, por oportunizar a janela por onde hoje vislumbramos um horizonte promissor.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes em nossas vidas acadêmicas, em especial ao nosso professor mestre Anderson Monteiro Andrade pela paciência e incentivo na orientação que tornaram possível a conclusão desta monografia.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da nossa formação, o nosso muito obrigada.

“A gramaticalização é um fenômeno relacionado a essa *necessidade de se refazer* que toda gramática apresenta.”

Furtado da Cunha (2011)

## RESUMO

Esta monografia fundamenta-se na corrente linguística funcionalista, tendo como teórico principal o linguista norte-americano Hopper (1991). Assim, objetivamos, principalmente, analisar as distintas funções discursivas que a construção **Dizque** apresenta e observar a sua implicação para o processo comunicativo, bem como colocá-la em destaque como uma particularidade do uso linguístico amapaense. Para tal, guiamo-nos, sobretudo, pelos estudos do princípio da gramaticalização nos termos de Hopper (1991) que propõe a análise de elementos/estruturas linguísticas por meio da gramática emergente, vez que determinadas formas adaptam-se às pressões do uso. Os trabalhos iniciais emergiram de uma pesquisa bibliográfica, embasada nos estudos de Furtado da Cunha (2011) e Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007) e também de uma pesquisa de campo para levantamento de *corpus* para análise. A pesquisa foi realizada sob a abordagem quali-quantitativa e a materialidade do objeto deu-se por meio de gravações espontâneas. Os colaboradores são do Estado do Amapá e os registros foram feitos em Oiapoque. Com as análises realizadas, foi possível observar a gradiência da forma gramaticalizada e também as funções que esta exerce no processo discursivo. Dentre as diversas funções encontradas, duas apresentam-se com maior frequência por não evidenciarem o agente do dito e por apresentarem maior aproximação com sua forma prototípica **dizem que**. Por meio da teoria de Hopper (1991), foi possível analisar e identificar as tendências de gramaticalização do **dizque**, o que nos permite afirmar que quanto mais princípios uma forma atenda “menos” gramaticalizada ela é, ou seja, esses parâmetros podem evidenciar os estágios iniciais do processo, bem como os estágios mais avançados. Nesse sentido, foram encontradas dez funções discursivas acerca da construção analisada, de maneira que houve uma frequência considerável no uso do **dizque** em função discursiva de duvidar e relatar, correspondendo, respectivamente, a 32% e 26% das ocorrências. O estudo tende a contribuir para a compreensão de como os amapaenses fazem uso dessa construção em seus discursos e as situações em que são acionadas, expandindo assim características do falar na Região Norte. Ademais, pretende cooperar para o alargamento de futuros estudos em nosso Estado que coloquem em destaque expressões, construções comumente utilizadas por falantes dessa localidade, uma vez que há a necessidade de pesquisas que valorizem estes usos.

**Palavras-chave:** Dizque. Funcionalismo. Gramaticalização. Funções discursivas



## RÉSUMÉ

Cette monographie est basée sur la chaîne linguistique fonctionnaliste, avec le linguiste nord-américain Hopper (1991) comme principal théoricien. Ainsi, nous cherchons principalement à analyser les différentes fonctions discursives que présente la construction **Dizque** et à observer l'implication dans le processus communicatif, ainsi qu'à le situer en tant que particularité d'usage linguistique *amapaense*. Pour cela, nous sommes surtout guidés par les principes de la grammaticalisation selon les termes de Hopper, qui proposent l'analyse des éléments/structures linguistiques à travers de la grammaire émergente, puisque certaines formes s'adaptent aux pressions de l'usage. Les travaux initiaux émergent d'une recherche bibliographique, basée sur les études de Furtado da Cunha (2011) et Gonçalves, Lima- Hernandez et Casseb-Galvão (2007) et également sur une recherche de terrain pour l'enquête de *corpus* pour l'analyse. La recherche a été réalisée sur l'approche qualiquantitatif et la matérialité de l'objet s'est produite à travers des enregistrements spontanés. Les collaborateurs proviennent de l'État d'Amapá et les enregistrements ont été réalisés à Oyapock. Avec les analyses réalisées, il a été possible d'observer le gradient de la forme grammaticalisée et aussi les fonctions qu'elle exerce dans les processus discursifs. Parmi les nombreuses fonctions trouvées, deux sont plus fréquentes car elles ne montrent pas l'agent de celui qui a dit et parce qu'elles présentent une plus grande approximation avec leur forme prototypique **dizem que**. Grâce à la théorie de Hopper (1991), c'est possible d'analyser et d'identifier les tendances de grammaticalisation du **dizque**, ce qui nous permet d'affirmer que les principes d'une forme éteinte "moins" grammaticalisée elle est, par exemple, ces paramètres peuvent montrer les premières étapes du processus ainsi que les étapes les plus avancées. Dans ce sens, dix fonctions discursives ont été trouvées sur la construction analysée, de sorte qu'il y a eu une fréquence considérable dans l'utilisation du **dizque** dans une fonction discursive de doutes et de rapports, correspondant respectivement à 32% et 26% des occurrences. Les études tendent à contribuer à la compréhension de la façon dont les *amapaenses* utilisent cette construction dans leurs discours dans la région du Nord. En outre, nous avons l'intention de coopérer pour l'expansion des études futures dans notre État qui mettent l'accent sur les expressions, les constructions couramment utilisées par les locuteurs de cette commune, car il y a une grande nécessité de recherche qui mettent en valeur ces utilisations.

Mots – clés: Dizque, Fonctionnalisme. Grammaticalisation. Fonctions discursives

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 1:</b> Ocorrências das funções discursivas do <b>dizque</b> .....	34
<b>GRÁFICO 2:</b> Uso das formas prototípicas do <b>dizque</b> .....	35
<b>GRÁFICO 3:</b> Frequência do uso das funções discursivas que se distanciam das formas-fonte.....	36

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO: O QUE DIZ A TEORIA?</b> .....	13
1.1 Formalismo linguístico x Funcionalismo linguístico: algumas considerações .....	13
1.2 Vertentes do funcionalismo linguístico.....	14
1.2.1 Funcionalismo Europeu: Círculo linguístico de Praga, Halliday e Dik .....	14
1.2.2 Funcionalismo linguístico norte-americano .....	15
1.3 Gramaticalização.....	20
1.3.1 Concepção de gramática emergente e princípios de gramaticalização segundo Hopper (1991) .....	21
1.4 Considerações sobre o dizque.....	23
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	24
<b>3 DAS QUESTÕES ANALÍTICAS</b> .....	25
<b>CONSIDERAÇÕES A QUE CHEGAMOS</b> .....	38
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	40

## INTRODUÇÃO

A língua, como organismo vivo, está em constante transformação. Podemos dizer que desde os primórdios da humanidade seus praticantes procuraram dominá-la e moldá-la às suas necessidades. Nesses atos de moldagens, que ocorrem principalmente na fala, a gramática tradicional não dá conta de externar tantas intenções diferentes e usos diversos, daí surgem construções com novas cargas semântico-discursivas e funções que passam por diversos processos de variação e mudanças linguísticas.

No Estado do Amapá é muito comum o uso de construções linguísticas peculiares, dentre as quais está o **dizque**. Sabemos que o “diz” é o verbo pleno do dizer conjugado na terceira pessoa do singular no presente do indicativo e o “que” pode assumir diferentes funções gramaticais: pronome interrogativo/relativo, preposição, conjunção etc.

Essa construção é dita e entendida como uma palavra única que pode assumir diferentes funções em diversas situações discursivas. Por esse motivo, é grafada junta sem separação entre o verbo **dizer** e o elemento **que**. Em termo próprio do funcionalismo elas amalgamam-se, ou seja, unem-se para produzir um único sentido de acordo com o contexto em que é acionada.

Sob o viés da teoria funcionalista, que tem como questão básica de interesse a verificação do modo como os usuários da língua comunicam-se efetivamente, mais precisamente sob o funcionalismo norte-americano, por meio da concepção de “gramática emergente” de Hopper (1991), analisamos a construção **dizque**, tomando como parâmetro os princípios instituídos por Hopper: estratificação, especialização, divergência, persistência e descategorização.

A diversidade linguística no Brasil é considerável e os estudos sobre ela, apesar de serem vastos, ainda não acompanham sua pluralidade, principalmente no que diz respeito às pesquisas realizadas no Norte do país. Diversas regiões são lembradas por suas expressões e pelo uso que fazem delas tornando-se marcas particulares de suas falas.

O extremo Norte conta com uma escassez de estudos ainda maior em relação à variedade linguística que apresenta. Com esta pesquisa, contribuímos para alargar o conhecimento sobre o uso da referida construção na fala dos amapaenses, analisando como eles se apropriam desta construção e observando as distintas funções discursivas que a referida expressão representa

para o processo da comunicação. Para isso, objetivamos analisar a gramaticalização da expressão **dizque** no falar amapaense sob a perspectiva do funcionalismo clássico, atentando especificamente em averiguar as distintas funções discursivas que a ela se referem e o seu estágio de gramaticalização atual.

Atentando para a ocorrência da expressão em nosso dia-a-dia, foi possível levantar algumas hipóteses a serem confirmadas através de nossas análises. Em algumas situações comunicativas observamos que a expressão pode assumir as seguintes funções discursivas:

- CONFIRMAR

Ex.: \_ Elizama, *dizque* (**Especulativo**) o nosso vizinho tem um filho fora do casamento.

\_ *Dizque?*

- DUVIDAR

Ex.: \_ Pra que tudo isso de refrigerante? Tu vai tomar tudo isso?

\_ *Dizque...*

Conforme o trabalho de pesquisa de Casseb-Galvão, 2004, acreditamos que também haja em nosso estado a ocorrência do *Dizque* nas seguintes funções:

- De boato: conhecimento de origem incerta ou que, por algum motivo, não pode ser identificada.

Ex.: \_ E a mulher?

\_ Levaram lá pra dentro.

\_ Diz que lá dentro escutam a gente sim. (...)

\_ Diz que as vezes eles ligam a choradeira das mães para os presos ouvirem.

\_ Diz que é.

- Especulativo: conhecimento de origem inacessível, isto é, somente o falante tem acesso à experiência cognitiva que o levou à emissão daquele enunciado.

Ex.: E: Inda conhece pobre? Que beleza... Diz que tem dois meninos procurando o pai ali na esquina...

Feitas estas breves considerações, informamos que este trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro, discorreremos sobre a teoria que valida esse estudo, que é a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Nesse sentido, apresentamos suas principais vertentes e

as contribuições de seus principais teóricos, destacando os princípios e categorias dessa corrente dando ênfase ao princípio de gramaticalização, por ser esse o adotado para embasamento de nossas análises. No segundo capítulo, apresentamos o percurso metodológico que norteou a nossa pesquisa, detalhando como foram desenvolvidos todos os passos para a execução do nosso estudo.

Em seguida, no terceiro capítulo, serão apresentadas as análises realizadas a partir dos dados coletados. Todas as expressões registradas foram analisadas, como já destacamos, pelo princípio de gramaticalização, mais especificamente pelos princípios de Hopper (1991).

Por fim, no capítulo quatro, apresentamos a discussão final da nossa pesquisa e algumas considerações a partir dessas conclusões, ainda que acreditemos que esta pesquisa está longe de um fim, haja vista que pode ser ampliada e passível de outros desdobramentos.

## **1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO: O QUE DIZ A TEORIA?**

Este trabalho baseia-se na corrente linguística funcionalista, numa acepção clássica, tendo como teórico principal o linguista norte-americano Hopper (1991). Assim, objetivamos, principalmente, analisar as distintas funções discursivas que esta construção apresenta e observar a sua implicação para o processo comunicativo, bem como colocar em destaque a referida expressão como uma particularidade da fala regional. Para tanto, guiamo-nos, sobretudo, pelos estudos do princípio da gramaticalização nos termos de Hopper que propõe a análise de elementos/estruturas linguísticas por meio da gramática emergente, vez que determinadas formas se adaptam às pressões do uso.

### **1.1 Formalismo Linguístico x Funcionalismo Linguístico: algumas considerações**

Os estudos linguísticos, a partir do séc. XX, reuniram-se em dois grandes polos de pesquisa conforme ao que davam mais ênfase: o polo formalista, que priorizava a forma da língua e o polo funcionalista que priorizava o uso da língua.

Segundo Martellota & Kennedy (2015, p. 13), o formalismo tem a língua como objeto formal, abstrato e autônomo, analisando sua forma e desconsiderando seu uso em situações reais. Já o funcionalismo, tem a língua como instrumento de comunicação e é observado na situação social (no ato da comunicação) que gera as estruturas. O polo formalista possui muitos representantes e pode ser observado entre os linguistas da Escola de Copenhague em que vários pesquisadores se destacaram com seus estudos voltados para a forma da língua, entre eles: Noreen, Jespersen, Hjelmslev, Uldall dentre outros. Essa linha de pesquisa mostrou-se muito influente no descritivismo americano (Bloomfield, Harris, Fries e outros), mas foi principalmente no gerativismo que se apresentou com mais ênfase.

O funcionalismo, por sua vez, também influenciou diversos pesquisadores, desde escolas linguísticas pós-saussurianas até chegar em sua principal representante: a Escola linguística de Praga. Escola essa que deixou herança em outras escolas como a de Londres, que tem como nome principal Halliday, e também deixa sua marca no grupo holandês que reflete nos estudos de Dik.

## 1.2 Vertentes do Funcionalismo Linguístico

Sabemos que o Funcionalismo é uma corrente linguística que se opõe ao estruturalismo e ao gerativismo, por ter a língua como um instrumento de interação social e por analisar a estrutura gramatical levando em consideração toda a situação comunicativa.

Desde o seu surgimento, o funcionalismo foi rótulo para “qualificar” muitas versões de trabalhos que apenas concordavam no ponto do objeto de pesquisa, mas que muito divergiam quanto à abordagem adotada. Quanto a essas abordagens, podemos dizer que:

Consoante observa Nichols (1984, *apud*. Neves, 2004: 55), o rótulo “funcionalismo”, em geral, é aplicado a três vertentes: uma conservadora, uma radical e uma moderada. O funcionalismo conservador limita-se a enfatizar a inadequação do modelo formalista (o qual compreende tanto o estruturalismo quanto o gerativismo), sem propor uma análise própria e, supostamente, mais adequada. O funcionalismo moderado aponta a inadequação do modelo formalista (tendência comum no modelo funcionalista), mas suscita uma análise da estrutura linguística. O funcionalismo extremado rejeita o conceito de estrutura e defende que as regras assentam na função e não há restrições sintáticas. (SOUZA, 2009, p. 27)

Observando-se essas vertentes, é possível reconhecer diferentes linhas de pesquisas que, por sua vez, desenvolvem diferentes modelos funcionalistas, os quais conheceremos alguns a seguir.

### 1.2.1 Funcionalismo Europeu: Círculo Linguístico de Praga, Halliday, Dik

O funcionalismo surge como um movimento particular dentro do estruturalismo no século XX destacando a função das unidades linguísticas. É conferido aos membros da Escola de Praga, originado do Círculo Linguístico de Praga, as primeiras análises na linha funcionalista. Deve-se a essa escola o estabelecimento da fundamentação teórica básica do funcionalismo, mas foi na área dos estudos fonológicos que ela teve maior evidência. Dentre seus vários teóricos, destacam-se Nikolaj Trubetzkoy e Roman Jakobson.

Os estudos de Trubetzkoy fundamentaram, de um modo geral, o desenvolvimento da fonologia e a ele devemos as noções de funções distintivas, demarcadoras e expressivas dos fonemas. Roman Jakobson estendeu o conceito de marcação, antes utilizado por Trubetzkoy na fonologia, para a morfologia. Esse princípio estabelece a distinção entre categorias marcadas e não marcadas em uma confrontação de dois elementos, como exemplo em relação à categoria de número de uma forma como “casas” [+ plural] que é marcada em oposição à forma “casa” [-plural] que não é marcada.



É importante ressaltar que a Escola de Praga também estendeu o funcionalismo para além da fonologia ou morfologia. O fundador do Círculo Linguístico de Praga, Vilém Mathesius antecipou uma concepção funcional da sentença que depois originou a teoria da perspectiva funcional da sentença que é um tipo de análise em termos da informação transmitida pela organização das palavras, ou seja, duas sentenças que passam a mesma informação, mas que têm a ordenação de seus elementos diferenciados podem não ser empregados na mesma situação de comunicação devido ao seu *status* informacional, dependendo do contexto (pragmática) pode ser uma informação nova ou dada (velha). Esse dentre outros estudos também foram desenvolvidos pela Escola de Praga.

A Escola de Londres também manifesta estudos na linha funcionalista com destaque para as ideias de Michael K. Halliday. Este, insere uma teoria, na década de 1970, centrada em um conceito amplo de função que inclui as funções de enunciados, textos e de unidades dentro de uma estrutura. Por considerar a linguagem parte de um processo social, Halliday defende que sua natureza e desenvolvimento individual sejam estudados nos contextos dos papéis sociais que cada indivíduo desempenha.

Os estudos funcionalistas continuaram a ampliar seu campo e se fizeram presentes no grupo holandês, contando também com vários pesquisadores e ganhando maior destaque o linguista Simon Dik, que desenvolve sua pesquisa em torno de uma visão funcionalista sintática, estudos anteriores já haviam tratado da fonética e da morfologia.

O trabalho de Dik estabelece uma divisão das funções em uma sentença a serem analisadas em três níveis diferentes: função semântica, função sintática e função pragmática em que a função semântica está ligada ao predicado e núcleo de uma sentença, a função sintática a seus elementos e a função pragmática relacionada à função comunicativa da sentença. Para Dik, o interesse maior da linguística funcional deve estar nos processos que levam os falantes a alcançarem êxito ao interagirem verbalmente utilizando expressões linguísticas.

### **1.2.2 Funcionalismo Linguístico norte-americano**

Segundo Furtado da Cunha (2011), o funcionalismo é uma corrente linguística que se dispõe a estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diversos contextos comunicativos em que elas são usadas. Para os funcionalistas, a linguagem é estruturada a partir da interação social formando assim uma relação entre linguagem e sociedade. Seus estudos ultrapassam a estrutura gramatical, isto é, buscam na situação comunicativa seus objetivos para explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua e suas motivações.

Nesse sentido, o funcionalismo norte-americano é um modelo que tem como precursor Dwingy Bolinger que impulsionou o funcionalismo com suas análises e estudos sobre a pragmática da ordenação das palavras na sentença. Contudo, é por volta de 1975, que os estudos de análises linguísticas começam a se difundir na literatura norte-americana como podemos observar no que diz a autora:

Diferentemente das teorias formais, o funcionalismo pretende explicar a língua com base no contexto linguístico e na situação extralinguística. De acordo com essa concepção, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso, ao qual se molda. Ou seja, há uma forte vinculação entre discurso e gramática: a sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregada pelos falantes no momento da interação discursiva. (FURTADO DA CUNHA, 2011, p.162)

A partir desses estudos e análises, é possível considerar a gramática como um organismo moldável que se adapta às necessidades comunicativas dos falantes, levando os funcionalistas a observarem e analisarem a língua como ela é falada bem como os processos de variações e mudanças sendo estas áreas de interesse primordial da linguística funcional. É importante salientar que, para compreender o fenômeno sintático, faz-se necessário o estudo da língua em uso e em seus contextos discursivos específicos, pois é neste âmbito que a gramática é constituída. Podemos, portanto, compreender em termos funcionalistas que essas concepções de sintaxe correspondem às noções de “gramática emergente” (HOPPER, 1991) ou “sistema adaptativo” (DU BOIS, 1985), pois de acordo com o que diz Furtado da Cunha (2011, p. 163):

Considerar a Gramática como um organismo maleável, que se adapta as necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes, implica reconhecer que a gramática de qualquer língua exibe padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, ao lado de mecanismos de codificação emergentes. Em outras palavras, as regras das gramáticas são modificadas pelo uso [...], e, portanto, é necessário observar a língua como ela é falada.

As primeiras ideias da escola funcionalista norte americana surgiram com a obra *The Origins of Syntax in Discourse* considerada pioneira e publicada em 1976 por Gillian Sankoff e Penelope Brown. Seus estudos influenciaram Talmy Givón que, em 1979, publicou *From Discourse to Syntax*, obra que afirma que a sintaxe existe para desempenhar uma certa função, sendo esta que determina sua maneira de ser. Givón apresenta em seus trabalhos uma característica pela busca de parâmetros substantivos, ou seja, busca uma explicação para que os fatos gramaticais sejam fatos motivados, comunicativos ou cognitivos.

Se não há uma teoria gramatical funcionalista completa e unificada, podemos dizer que há uma expressiva quantidade de análises funcionalistas, principalmente do inglês representados pelos linguistas norte-americanos, Givón, Sandra Thompson e Paul Hopper que se sobressaem com seus estudos individuais e que passaram a defender uma linguística baseada no uso, tendo como tendência principal observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. Nesta concepção, a sintaxe é vista como uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso. Pode-se dizer que a sintaxe tem a forma que tem em decorrência das estratégias de organização da informação empregada pelo falante no momento da interação discursiva.

Thompson (1980) produziu trabalhos individuais e em coautoria que foram considerados marcos na análise funcionalista. Em coautoria com Paul Hopper, os autores fazem uma nova interpretação para o conceito tradicional de transitividade que prevê uma propriedade escalar constituída de dez parâmetros sintáticos/semânticos independentes e variantes como poderemos acompanhar abaixo:

De acordo com a presença ou ausência desses parâmetros, a cláusula pode ser mais ou menos transitiva. O complexo de transitividade e seus parâmetros individuais se associam a uma função discursivo-comunicativa: a de assinalar as porções centrais e periféricas de um texto narrativo. Fatores discursivos, portanto, interferem na codificação da transitividade [...]. (FURTADO DA CUNHA, 2011, p.163)

Há um outro grupo de funcionalistas europeus na Alemanha que seguem um modelo semelhante ao dos linguistas norte-americanos, pois trabalham com mudanças linguísticas, gramaticalização e empréstimos. Dentre esses, destacam-se Bernard Heine e Tânia Kuteva.

É importante lembrar que houve uma recente aproximação com a linguística funcional e a linguística cognitiva com o apoio de antigos gerativistas, como Ronald Langacker (1991), George Lakoff (1987), e dos psicanalistas Michael Tomasello (1999) e John Taylor (1995), os quais rejeitaram a tese da autonomia da sintaxe defendida pelos gerativistas. Todavia, propõem a incorporação das dimensões sociais e cognitivas nos estudos linguísticos.

Vale destacar que a linguística cognitiva se baseia em alguns pressupostos contrários a tradição formalista. Segundo Martelotta e Kenedy (2015, p. 16):

Entre esses pressupostos, está por exemplo, a ideia de que a significação não se baseia numa relação entre símbolos e dados de um mundo real independente, mas no fato de que as palavras e as frases assumem seus significados no contexto, o que implica a noção de que os conceitos são resultados de padrões criados culturalmente.

Adentrando no cenário brasileiro, os estudos funcionalistas ganham impulso a partir de 1980, com grupos de pesquisadores que preconizam fatores da natureza comunicativa e cognitiva para interpretar o funcionamento de tópicos morfossintáticos em textos falados e escritos. Podemos citar como trabalho pioneiro a obra de 1987, *Perspectiva funcional da frase portuguesa*, de Rodolfo Ilari que trata do dinamismo comunicativo em termos de tema e rema, baseados na linha dos estudos da Escola de Praga. Há ainda grupos que se destacam como o Projeto Norma Urbana Culta, Projetos de Estudos do Uso da Língua da Universidade do Rio de Janeiro (Peul-UFRJ) e o Grupo de Estudos Discurso & Gramática. Sendo este último criado por Sebastião Votre e que trabalha com os princípios do funcionalismo norte-americano e tem como foco principal os estudos dos processos de gramaticalização.

A corrente funcionalista apresenta princípios e categorias que são: informatividade, iconicidade, marcação, transitividade e plano discursivo e gramaticalização. Dentre esses princípios, a gramaticalização tem ponto privilegiado.

O princípio da informatividade enfatiza a interação verbal que os interlocutores compartilham entre si. Esse princípio está voltado para o exame do *status* dos referentes nominais, portanto, um sintagma nominal pode classificar-se como *dado*, *novo*, *disponível* e *inferível*. Assim, quando um referente já estiver ocorrido no texto ou disponível na situação de fala entre os participantes do discurso, falante e ouvinte, esse referente chama-se *dado*. E por isso, não há necessidade de repeti-lo na sentença seguinte. O referente *novo* ocorre quando é introduzido pela primeira vez no discurso, contudo, ele passa a ser *disponível* quando trata de uma informação com referência única, ou seja, que já faz parte de seu conhecimento, como por exemplo: A lua e o sol etc. Um referente *inferível* ocorre quando é identificado através de um processo de inferência, ou seja, de outras informações dadas, sendo estas codificadas geralmente com um artigo definido. O *status* informacional dos elementos linguísticos faz-se importante pelo fato de interferir na ordenação que eles assumem na disposição do discurso. Para exemplificar os referentes dado e novo, utilizamos a análise feita por Andrade e Paiva (2016, p.49) no texto *A raposa e as uvas*, de Esopo, referindo-se ao seguinte trecho: “*Uma raposa estava com muita fome. Foi quando viu uma parreira cheia de lindos cachos de uva.*”:

[...]. A narrativa inicia-se por meio do adjunto adnominal **uma** que se relaciona ao item lexical imediatamente posterior. Numa abordagem tradicional de sintaxe, poderíamos dizer que a sua não ocorrência não ocasionaria problema à estrutura oracional. Todavia, numa abordagem que leve em consideração aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos, torna-se necessário afirmar que a sua ocorrência é indispensável, vez que a forma **uma** (artigo indefinido) estabelece que uma informação nova será apresentada e, sendo assim, as próximas ocorrências em que aparece o item lexical raposa será precedido pelo artigo (adjunto adnominal) **a**,

permitindo entender, portanto, que o referente já é do conhecimento do leitor, sendo, por assim dizer, um referente dado/velho.

O princípio da iconicidade é definido como a correlação natural e motivada entre forma e função, ou seja, entre código linguístico (expressão) e seu significado (conteúdo). A versão original desse princípio instituído por Bolinger (1977) postula uma relação isomórfica entre forma e conteúdo, contudo houve reformulação dessa versão levando-se em consideração os processos de variação e mudança que constataram duas ou mais formas alternativas de dizer “a mesma coisa”, o que nos permite dizer que a iconicidade está sujeita a pressões diacrônicas corrosivas tanto na forma como na função. Esse princípio se manifesta em três subprincípios que se relacionam à quantidade de informação, ao grau de integração entre os constituintes da expressão e do conteúdo e a ordenação sequencial dos segmentos.

Herança da Escola Linguística de Praga, o princípio da marcação tem como ideia principal o contraste entre dois elementos de uma dada categoria linguística considerando-os marcados quando, em relação ao outro elemento, ausenta alguma propriedade. Para distingui-los são estabelecidos três critérios principais:

- (a) complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a estrutura não marcada correspondente;
- (b) distribuição de frequência: a estrutura marcada tende a ser menos frequente do que a estrutura não marcada correspondente;
- (c) complexidade cognitiva: a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa do que a estrutura não marcada correspondente. Incluem-se, aqui, fatores como esforço mental, demanda de atenção e tempo de processamento. (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO 2015, p. 26)

Consoante ao conceito de “marcado” ou “não-marcado”, pode-se dizer que a categoria marcada é menos frequente no texto, enquanto a não-marcada é a mais recorrente, que apresenta alta frequência de uso. Para exemplificar temos as seguintes frases: “João estudou, *mas* não passou” e “João estudou, *porém* não passou”. Tomando para análise as palavras *mas* e *porém*, que nas frases pertencem à mesma categoria gramatical (conjunção adversativa), e aplicando os critérios para distinção, constatamos que o *porém* é a categoria marcada, pois: sua estrutura é maior (em relação ao *mas*), a frequência do seu uso é menor (principalmente na oralidade) e sua complexidade cognitiva é maior devido à atenção e ao tempo de processamento que demanda.

A transitividade sempre foi tratada como uma propriedade dos verbos, mas o princípio da transitividade e plano discursivo proposto por Hopper e Thompson trata-a como uma propriedade global, de uma oração inteira, em que uma ação é “transportada” de um agente para um paciente. Segundo Hopper e Thompson a oração pode ser analisada em uma escala de transitividade tendo em vista dez parâmetros: Participantes, Cinese, Aspecto do verbo, Punctualidade do verbo, Intencionalidade do sujeito, Polaridade da oração, Modalidade da oração, Agentividade do sujeito, Afetamento do objeto e Individuação do objeto. O grau de transitividade de uma oração incide em sua função discursiva característica, de modo que as orações com alta transitividade marcam partes essenciais do texto, correspondendo à figura, enquanto orações com baixa transitividade marcam partes “acessórias”, correspondendo ao fundo.

### 1.3 Gramaticalização

No funcionalismo linguístico, principalmente no norte-americano, podemos ver que a “mudança é produto de variação, tendo em vista que o uso “desgasta” a expressão linguística e desafia o falante numa incessante busca de renovação da expressividade” (Assis, p. 40, 2016). Levando-se em consideração o que diz Gonçalves e Carvalho (2007), na corrente linguística funcionalista, existem diversos processos de mudanças linguísticas dentre os quais o mais recorrente nas línguas em geral é o processo de gramaticalização.

Em 1912, o linguista francês Antoine Meillet foi o primeiro a utilizar o termo “gramaticalização” para denominar esse processo numa percepção bem próxima ao que é adotada atualmente pelo Funcionalismo. No entanto, esse fenômeno já era referenciado em estudos bem mais antigos como de um estudioso chinês Zhou Bo-qi, no século X, que já relatava um processo de mudança de símbolos cheios para símbolos vazios. Por lidar com um fenômeno dinâmico e inconstante, a gramaticalização apresenta uma grande diversidade de termos e tendências conforme o olhar do estudioso que a trata.

Poggio (2002) *apud* Assis (2016) traz ainda três grupos de conceitos que partem de épocas e perspectivas distintas: o primeiro “opera com o léxico e a gramática (até 1970)”, o segundo que “opera com o discurso e a gramática (meados dos anos 70)” e o terceiro que “veem a gramaticalização como um fenômeno externo à estrutura da língua, pertencentes ao domínio cognitivo”.

Gonçalves e Carvalho (2007) apresentam uma classificação dos linguistas que lidam com esse fenômeno de acordo com o tipo de trabalho ou método utilizado para estudá-lo. Nessa

classificação, para uns, a gramaticalização pode ser processo e, para outros, um paradigma e pode ainda ser observado de perspectivas diferentes: diacrônica ou sincrônica.

Esses mesmos autores apontam ainda para uma “escala evolutiva” das definições nos estudos sobre gramaticalização; numa primeira concepção, seria como uma trajetória de elementos linguísticos do léxico para a gramática e, em uma segunda concepção, caracteriza-se pela passagem do “menos gramatical para o mais gramatical” de forma que a gramática alimente a própria gramática e em uma terceira concepção, que amplia mais o fenômeno quando defende que qualquer material linguístico pode se tornar gramatical.

Sob esta última concepção, o material linguístico a ser gramaticalizado vai desde uma palavra, passando por expressões, até construções oracionais mais complexas, o que caracteriza o vasto campo de pesquisa que envolve o processo de gramaticalização.

### **1.3.1 Concepção de gramática emergente e princípios de gramaticalização segundo Hopper (1991)**

Como visto anteriormente, o processo de gramaticalização, por sua dinamicidade, é tratado por várias vertentes. Dentre as várias existentes, adotaremos o conceito de gramática emergente e princípios determinados por Hopper (1991) que:

afirma que a gramática de uma língua é sempre emergente, ou seja, estão sempre surgindo novas funções/valores/usos para formas já existentes e, nesse processo de emergência, verificável a partir de padrões fluidos da linguagem, é possível reconhecer graus variados de gramaticalização que uma forma vem a assumir nas novas funções que passa a executar, tornando-se imperioso, então, contar com recursos que permitam identificar os primeiros estágios desse processo de mudança.  
(p. 79)

Então, para este autor, a gramática está num contínuo fazer-se, o que nos permite dizer que há uma certa instabilidade da estrutura linguística e, uma vez apoiado nessa tese de emergência da gramática, ele considera possível identificar graus variados de gramaticalização e, para tanto, propõe cinco princípios que, conforme já mencionado, visam a medir o grau de gramaticalização das formas que passam por esse processo, são eles: estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização, os quais veremos a seguir.

O princípio de estratificação diz que há a coexistência, num mesmo domínio funcional, de formas novas e antigas. Seria uma diversidade criada pelo fato de que, ao emergirem, as novas formas funcionais não apresentam uma instantânea substituição das formas antigas, elas

interagem em funções semelhantes ou iguais, em alguns casos, apresentando diferenças sutis. Tomemos o exemplo dado por Gonçalves e Carvalho (2007) sobre a forma ‘*a gente*’ em que seu uso prototípico se origina do substantivo ‘gente’, mas que em alguns contextos passou a competir frequentemente com a forma de 1ª pessoa do plural ‘*nós*’. Percebemos que não há uma eliminação da forma antiga (*nós*) para uma substituição imediata pela nova forma (*a gente*), as duas coexistem no mesmo domínio funcional, caracterizando o que Hopper chama de “amontoamento”.

No princípio de divergência, a forma-fonte de um processo de gramaticalização mantém-se autônoma e também coexiste com sua forma gramaticalizada, mas diferentemente da estratificação, elas são funcionalmente divergentes, ou seja, podem até ter formas etimologicamente iguais, porém seus campos de atuação são distintos. Por exemplo, a expressão **dizque** possui duas formas o verbo (dizer) e o pronome (que), esses elementos continuam no sistema da língua como itens autônomos sem qualquer tipo de alteração, ainda assim coexistem com sua forma gramaticalizada só se diferenciando quanto às funções que assumem nos discursos.

O princípio da especialização diz respeito à escolha das formas a serem usadas em relação às opções para se codificar uma mesma função. Em dado momento, uma dessas formas se sobressai no uso do falante, porque é mais gramaticalizada, e deixa para trás as possíveis gradações sutis do começo do processo de gramaticalização. Voltando a tomar como exemplo a forma ‘*a gente*’, é eminente a maior frequência de uso da forma gramaticalizada em relação ao uso da forma *que*, dependendo do contexto, melhor codificaria, segundo a gramática normativa, a função de sujeito: ‘*nós*’.

Já o princípio da persistência prediz, como o próprio nome diz, a persistência de alguns indícios semânticos da forma-fonte na forma-alvo (gramaticalizada). Essa característica pode, em alguns casos, condicionar sintaticamente o uso da forma-alvo. Neste caso, por exemplo, é perceptível a permanência de traços morfológicos da forma fonte em nossa forma gramaticalizada em estudo, **dizque**. Estes traços permitiram que identificássemos as possíveis formas-fonte do processo.

O último princípio de Hopper, a descategorização refere-se à perda ou neutralização de marcas morfológicas ou sintáticas da forma em gramaticalização levando essa forma a assumir outras categorias gramaticais. Por exemplo, um verbo, quando lexical, tem propriedades semânticas e sintáticas, além de restrições de seleção para sua realização. Quando se



gramaticalizam, assumem propriedades de categorias secundárias e perdem suas propriedades “originais”.

#### 1.4 Considerações sobre o dizque

Para compreendermos com clareza os estudos sobre a expressão gramaticalizada *dizque* faz-se necessário entender seus usos prototípicos **ele/ela diz que; eles/elas dizem que; dizem que**. Para tanto, o **que** é um pronome relativo que pode exercer as funções de sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, entre outros; o verbo dizer apresenta-se na 3ª pessoa do singular ou plural que podem apresentar sujeitos determinados ou indeterminados, este possui sua função na gramática e, no discurso, também tem seu papel como verbo *dicendi* ou verbos do dizer, ou seja, tem a função de deixar explícito ao interlocutor de onde vem o enunciado, contudo, os estudos desses verbos ainda não são encontrados nas gramáticas normativas segundo aponta estudioso.

Nas gramáticas de Rocha Lima (2012), Azeredo (2011), Bechara (2009) e Celso Cunha (2013) não há menção específica aos verbos *dicendi* nos capítulos em que se trata de verbos. Está claro que esses verbos possuem forte característica interacional, indicativo de que ali há um diálogo, uma interlocução [...]. Entendemos que os verbos *dicendi* são, por natureza, marcadores da presença do interlocutor exatamente por sua função de indicar de onde vem o enunciado [...]. (MONTEIRO, 2016, p. 719-720)

Nosso objeto de pesquisa é uma construção comumente falada pelos amapaenses. Como em todo processo, há um ponto de partida e identificamos como potenciais formas-fonte as construções **ele/ela diz que; eles/elas dizem que; dizem que**. Nesta, não há um traço concreto no que diz respeito à identificação do agente do dito (quem disse), o que abre ampla margem para manipulações linguísticas o que potencializa possíveis processos de mudança.

As impressões iniciais dessa expressão mostram que ela se dá em interações informais o que caracteriza que são possivelmente acionadas quando os falantes já têm algum tipo de relação (quando já são conhecidos: amigos, colegas, parentes etc).

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa fundamenta-se, inicialmente, em uma pesquisa bibliográfica, embasada nos estudos de Furtado da Cunha (2011) e Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007), e também em uma pesquisa de campo para levantamento de *corpus* para análise, realizada nos meses de janeiro e fevereiro de 2018. A pesquisa foi realizada sob uma abordagem quali-quantitativa, por meio de gravações espontâneas. Os sujeitos pesquisados são do estado do Amapá e as gravações foram feitas no município de Oiapoque registradas inicialmente em áudio por meio de aparelhos celulares e posteriormente transcritas e analisadas.

Analisamos as ocorrências da expressão **dizque**, tomando como parâmetro os princípios de gramaticalização de Hopper (1991) para averiguar a gradiência da forma e assim também atentar para como a mesma implica no processo de comunicação, observando as funções que ela exerce no discurso.

As primeiras tentativas de coleta de dados em nossa pesquisa de campo não tiveram sucesso, pois não conseguimos registrar a construção em estudo. Nesse início, partimos da técnica de entrevista semiestruturada baseadas nos tipos de perguntas do grupo de estudo Discurso e Gramática (D&G), quais sejam: a-) narrativa de experiência pessoal e recontada; b-) descrição de local; c-) relato de opinião. Apesar de não conseguirmos nesse primeiro momento a materialidade que precisávamos esta foi de suma importância para nortear nossa pesquisa. Nesse sentido, isto evidenciou que a ocorrência da expressão se daria com mais frequência em situações de alta informalidade, pois percebemos que quando informávamos aos entrevistados que seriam gravados e que os áudios seriam utilizados para uma pesquisa universitária os mesmos manipulavam sua fala.

Passamos, então, a observar em que situações ouvíamos a expressão. Ela se apresentava, principalmente, em conversas entre amigos, conhecidos ou parentes sobre diversos assuntos/fatos ocorridos com outros ou consigo mesmos. Diante desse fato, optamos por realizar gravações espontâneas em nossos ambientes de convívio como trabalho, casa, faculdade etc. Após detectarmos as ocorrências das expressões, nossos colaboradores eram conscientizados dos registros e da finalidade dos mesmos. Selecionados os materiais que continham a expressão, fizemos as transcrições e analisamos suas distintas funções nos contextos em que eram utilizadas, adotando os princípios de Hopper (1991).

### 3 DAS QUESTÕES ANALÍTICAS

Antes de tratarmos diretamente das análises, é importante apresentar algumas informações acerca das formas-fonte do processo de gramaticalização do **dizque**. Intuitivamente, identificamos três formas prototípicas desse fenômeno: as construções **dizem que**, **ele/ela diz que** e **eles/elas dizem que**.

Diante do exposto, as recorrências analisadas nesta pesquisa são apresentadas, conforme o contexto de sua utilização, de modo que algumas contêm mais de um registro da expressão e estão dispostas na ordem de seu acionamento. Quanto à organização, as funções discursivas são verificadas individualmente, isto é, a cada registro, possibilitando distinguir a qual das funções prototípicas a forma-alvo corresponde e o seu grau de gramaticalização, segundo os princípios de Hopper (1991): estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização. Por fim, apresentamos nossas análises em blocos de recortes sequenciais.

Feitas as primeiras considerações, apresentamos o *corpus* e os resultados de nossas análises:

#### (A) Conversa entre amigos

Uma vez eu paguei um mico [...]. Eu nunca misturei a caipirinha com o vinho, não era pra eu ter feito isso. Que acabou a caipirinha, aí... fui pro vinho né, eu não sabia beber né, eu nuca tinha bebido assim misturado... **Dizque** eu fui pra dentro do mato com não sei quem lá que encarnam até hoje comigo, com o Pedro<sup>1</sup>... um amigo que era a fim de mim, um senhorzinho.

Seguindo os apontamentos de Hopper (1991), o **dizque** atende ao princípio de estratificação por atuar no mesmo domínio funcional de sua forma-fonte **dizem que**, ou seja, quem produziu o discurso poderia fazer uso da forma prototípica sem alterar o sentido das informações transmitidas. Além disso, também se relaciona com o princípio de especialização, já que o uso da forma gramaticalizada se sobressai no discurso, é a escolha do falante em relação a sua forma prototípica. A construção em questão ainda conserva traços semânticos da sua forma-fonte, portanto contempla o princípio da persistência e, por conseguinte, o princípio da descategorização, uma vez que sofre a perda de algumas marcas morfológicas, como o

---

<sup>1</sup> Os nomes próprios utilizados nos discursos foram substituídos por nomes fictícios para preservar a identidade dos colaboradores.

apagamento do sujeito e do morfema –m – desinência número pessoal indicativa de 3ª pessoa do plural – perdendo, desse modo, sua categoria gramatical e assumindo uma categoria funcional no discurso, contexto no qual tem, nesse caso, como função principal expressar dúvida/incerteza.

**(B) Diálogo entre dois indivíduos sobre assuntos relacionados ao censo escolar**

Falante 1 – Maria teve algum mapa feito de quantos alunos abandonaram, de... né que não teve? nunca compareceram, quando foi feito o censo? **Dizque** agora o João pediu pra... pra Sônia levar agora..até amanhã se não a Carol vai responder não sei o que pelo censo, que não levaram a quantidade de aluno... de desistência, transferido, não sei o que... tá...

Falante 2 – Mas se eles não pediram, como é que...

Falante 1 – Pois é, **dizque** todos os... eu vou lá agora saber o que é realmente o que ele quer.

O 1º **dizque** de (B) assume a função discursiva de desaprovar a ação/pedido de outrem, adversativo. Distancia-se de quaisquer das possíveis funções prototípicas. A forma-alvo passa a exercer uma nova função, assumindo um valor adversativo, que no exemplo poderia ser substituído por **mas**, configurando, desse modo, o princípio da especialização. Já o 2º, tem a função discursiva de duvidar, corroborando o princípio de estratificação, visto que há coexistência no mesmo domínio funcional tanto da forma-fonte **dizem que** quanto da gramaticalizada.

Diante do exposto, o uso da forma-alvo é mais frequente em relação ao uso de sua forma prototípica, demandando menos esforço cognitivo e, no contexto citado, é possível entrever a quem o emissor do discurso se refere, o que caracteriza o princípio da especialização. Além disso, dada a perceptível existência de traços semânticos da forma-fonte, também verificamos a ocorrência do princípio da persistência. Quanto ao princípio da descategorização, a forma-alvo apresenta apenas uma neutralização do sujeito, comum na oralidade.

**(C) Fala sobre uma contestação de informação**

Bora Seu Zeca! Sai ou não sai?... **Dizque** eram quinze que vinham pra cá pra essa obra?. (risos)

Em (C), a ocorrência de análise tem a função discursiva de questionar e distancia-se de suas possíveis funções prototípicas. Nesse contexto, a forma-alvo enquadra-se no princípio da especialização, ao ser utilizada para codificar uma função para a qual existem outras opções de escolha, ou seja, poderia ser substituída, por exemplo, pelo advérbio *não*, produzindo os mesmos efeitos de sentido. Além deste princípio atende também a divergência por atuar em um campo funcional diferente de qualquer uma de suas possíveis funções prototípicas.

Observemos, nos recortes que seguem, um pouco mais o princípio da estratificação, cuja capacidade é atuar no mesmo campo funcional de sua forma prototípica:

**(D) Diálogo entre dois indivíduos sobre previsão da data de pagamento em atraso**

Falante 1 – Quando é que vai sair o pagamento de vocês?

Falante 2 – **Dizque** dia 10...

**(E) Diálogo sobre boatos da administração municipal**

Falante 1 – Entendeu? Ou seja, não tem como pagar...

Falante 2 – Já ouvi dizer **dizque** (acessório) até hotel eles têm agora em Macapá... mana vão se preparando que a nossa vida vai... eu disse meu Deus e agora?

**(F) Sobre a previsão de início das aulas**

Não vai começar agora não, acho que eu vou voltar de viagem e ainda não vai ter começado... lá no recrutinha **dizque** vai começar dia 05, mas dia 05 eu não vou tá aqui, só vou chegar dia 10.

**(G) Diálogo sobre os motivos do não comparecimento dos trabalhadores da obra de uma escola**

Falante 1 – Eu acho que é... eles vão... não vieram ontem porque eles tão em luto né? será que é por isso?

Falante 2 – Ah é!

Falante 1 – Mas acho que amanhã é bem capaz de virem e **dizque** vai sair o pagamento, né?

Falante 2 – Será?

Falante 1 – O Carlos falou que sim.

Em relação ao uso, percebemos que é mais frequente no discurso a utilização da forma gramaticalizada, focalizando o princípio da especialização. Como em (A), nestas ocorrências também observamos a presença de traços semânticos da forma-fonte **dizem que**, isto é, existe um sujeito, mas não é possível determiná-lo pelo contexto, o que marca o princípio da persistência. No que tange ao princípio de descategorização, tem-se a perda do morfema –m – desinência número-pessoal da 3ª pessoa do plural. A categoria funcional acionada assume a função principal de dúvida/incerteza, lembrando que em (E) produz-se o sentido de boato: “conhecimento de origem incerta ou que, por algum motivo, não pode ser identificada” (CASSEB GALVÃO, 2004, p. 170), ao passo que em (G), há, primeiramente, a neutralização do sujeito, o qual é identificado somente após o registro da expressão.

#### (H) Discurso sobre um equívoco cometido

Que caramba, já? é por isso que eu tô procurando aqui e foi pra cá pro meu telefone **dizque** óh!

Em (H), o **dizque** atua para enfatizar parte do discurso. Diverge de suas funções prototípicas, quais sejam: **ele/ela diz que**, **eles/elas dizem que** e **dizem que**, caracterizando o princípio da divergência. Atendendo ao princípio da especialização, codifica uma função para a qual existem outras opções de escolha, a exemplo da interjeição *hum!* cuja aplicabilidade também denotaria tom de surpresa.

#### (I) Discurso de uma pessoa sobre um acidente ocorrido na cidade

O pessoal fala muita coisa né? o que me falaram foi que eles saíram daí do esquentado e quando chegou ali na subida do teles a corrente da moto caiu [...] tava muita neblina, quando ele foi ultrapassar o carro do Sérgio ele não viu na hora que o carro vinha na frente né, deu sinal pra entrar ali na.. naquela rua atrás da rodoviária... aí **dizque** pegou no meio do carro... quem viu bem foi o Sérgio.

Verificamos, em (I), a presença da função discursiva do relato e a recorrência do princípio da estratificação na relação com sua forma prototípica **dizem que**, bem como o da especialização, posto que as duas formas têm a mesma frequência de uso e são igualmente utilizadas para codificar uma mesma função. Quanto ao princípio da persistência, é possível identificar a presença de algumas características do item fonte no elemento alvo, como o sujeito

indeterminado. Também, no que diz respeito ao princípio de descategorização, tem-se a perda do morfema –m.

**(J) Diálogo sobre um incêndio que ocorreu em uma madrugada**

Falante 1 – Aí **dizque** essa madrugada pegou fogo aqui né? não tava sabendo era de nada..

Falante 2 – Fogo onde?

Falante 1 – Aqui na casa do... não tem o Seu Miranda aí na frente.. aquela casinha... **dizque** pegou fogo...

Falante 3 – Tu passou aí, tu não viu?

Falante 2 – Não...

(risos)

Falante 3 – Tá queimado aí, foi um fogo muito alto, parecia aqui por cima da casa da Lúcia.

Falante 1 – Poxa vô, e eu perdi! Seu José **dizque** duas horas... foi duas horas da manhã isso? uma hora e pouca... **dizque** o Seu José veio... seu José, a dona Ana, o pessoal tudo veio e eu que moro aqui não ouvi nem o barulho!

O 1º **dizque**, cuja função discursiva é relatar, registra em seu contexto os princípios de estratificação – neste caso a relação é com a forma prototípica **dizem que**; o de especialização, contexto em que a forma gramaticalizada é mais frequente; de persistência, com traços do elemento fonte, como o sujeito indeterminado e, também atua na aplicabilidade do princípio da descategorização – perda do morfema -m.

Sobre o 2º **dizque**, utilizado para dar ênfase de conclusão à parte do discurso, reafirma-se uma informação já dada, ou seja, trata-se de um ponto focalizado pelo princípio de informatividade quanto ao status da informação, de modo que, neste caso, o referente já havia ocorrido na fala, caracterizando como um dado/velho (referente situacionalmente dado na fala). Reitera-se aqui o princípio da estratificação e, quanto à aplicabilidade do princípio da especialização, codifica-se uma função para a qual existem outras opções de escolha, a exemplo da conjunção *então* ou da expressão *pois é!*, ou mesmo a supressão. A indeterminação do sujeito se confirma, bem como a descategorização.

No 3º **dizque**, em que a função discursiva é questionar, há o distanciamento das possíveis funções prototípicas, em que se diferencia delas atendendo ao princípio da

divergência. Ressaltamos nessa ocorrência o princípio da especialização, já que se codifica uma função para a qual existem opções de escolha, como, por exemplo, a utilização do verbo **ser** na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, de modo a imprimir entonação especial no dizer.

Quanto ao 4º **dizque**, destacamos apenas sua função discursiva de relato, posto que os princípios apontados em Hopper (1991) são recorrentes aqui, exceto divergência.

Na sequência, observamos, em (K), o foco numa credence popular, informação não comprovada que se perpetua de geração em geração, de modo a registrar a função discursiva de recontar. Quanto aos princípios abordados nesta pesquisa, verificamos a ocorrência deles, exceto divergência, tanto em (K), quanto em (L), em que, nesta última, a função discursiva é relatar.

**(K) Diálogo sobre como se dão as infestações de baratas**

Falante 1 – Aquelas barata preta, elas são grande mesmo...

Falante 2 – **Dizque** não presta matar, que quando mata.. elas.. o, o... ela tem os ovinho dela né e se espalha, aí que dá infestação.

**(L) discurso sobre um imprevisto em viagem**

Eles foram pra Macapá ontem, saíram antes de ontem, quando chegou... faltava 10 km pra chegar em Calçoene o motor pifou... o motor do carro. E ela é toda desesperada, aí **dizque** ela começou a chorar e queria voltar pra cá, aí foi que foram rebocado até Calçoene, deixaram o carro e seguiram pra Macapá.

Consideremos o recorte em (M):

**(M) Sobre a veracidade de histórias relatadas por uma terceira pessoa**

Falante 1 – Mas as histórias que ela conta **dizque** é verdade que a Joana assina embaixo que elas moram juntas, juntas não, perto né [...] O marido dela tinha 86 anos.

Falante 2 – Ele era bem velhinho mesmo..

Falante 1 – Era, mas **dizque**... hum... (risos) ela falava que até quando ela tomava banho, que ela ia se trocar, ela tinha que trancar a porta por dentro que ele batia, só faltava arrancar a porta... pra querer entrar.



Enquanto o 1º **dizque** assume a função discursiva de confirmar, uma vez que há uma terceira pessoa a confirmar um fato e o campo funcional acionado é o da forma prototípica **eles/elas dizem que**, o 2º retrata a função discursiva da dúvida, numa relação de coexistência de domínio funcional com a forma-fonte **ela diz que**. No que diz respeito aos princípios da especialização e da persistência, as duas ocorrências se enquadram na aplicabilidade deles de forma semelhante. Entretanto, no princípio da descategorização, a primeira ocorrência atua com a indeterminação do sujeito e a perda do morfema -m, enquanto a segunda apresenta uma neutralização do sujeito.

#### (N) Descrição de um acontecimento

Não, ela tomou banho... assim que ele me falou... ela tomou um banho aí sentou pra jantar, e aí depois ela caiu... e agora **dizque** tá só aquela babeira lá.

Com função discursiva de relatar, (N) atua no mesmo campo funcional de sua forma prototípica **ele/ela diz que** e, como nas demais ocorrências analisadas até aqui, vincula-se ao princípio da especialização de forma similar. Quanto ao princípio da persistência, é possível identificar a presença de algumas características do item fonte no elemento alvo por meio da inferência, pois o sujeito é um referente dado/velho no discurso.

#### (O) Diálogo sobre os benefícios da aguardente

Falante 1 – A menina só ficou boa... a Sabrina da Dona Raimunda lá... só ficou boa porque ela levou escondido a aguardente... é porque lá no hospital eles não aceitam, entendeu... só ficou boa por causa disso.

Falante 2 – Éh... é verdade, **dizque** é bom, aguardente é muito bom **dizque**.

Falante 1 – Aí mesmo assim ainda ficou né, aí ela pegou o álcool e tirava... e... porque coisa o álcool aí sai... mas o... entendeu?... colocava assim que era pra... aí colocava na mão dela... até o álcool... eu disse não, não, não mais que ela tava só no soro e **dizque** tá só lá... ainda não deram nada e cada vez mais piorando.

Observando (O), verificamos que o 1º **dizque** representa uma credence popular, informação não comprovada, que se perpetua de geração em geração, em que, neste caso, a função discursiva é confirmar, além de atuar no campo funcional da forma prototípica **dizem que**, situação recorrente no 2º **dizque**, embora a função discursiva deste seja reafirmar. Quanto ao princípio da especialização, tanto em um quanto noutro, as duas formas são utilizadas com

a mesma frequência, uma vez que não demandam muito esforço cognitivo. Sobre o princípio da persistência, é possível identificar a presença de algumas características do item fonte no elemento alvo, como o sujeito indeterminado e, no que diz respeito à descategorização, há a perda do morfema –m.

Já o 3º **dizque**, cuja função discursiva é relatar, distancia-se de suas funções prototípicas, quais sejam: **ele/ela diz que**, **eles/elas dizem que** e **dizem que**. Esse distanciamento caracteriza sua divergência, atendendo assim a este princípio. A forma-alvo também atende ao princípio da especialização, contexto no qual se codifica uma função para a qual existem outras opções de escolha, ou seja, poderia se aplicar, por exemplo, o advérbio *agora* para relatar a situação atual da pessoa a quem se refere.

Vejamos, agora, um bloco de recortes no qual a distinção reside, basicamente, na função discursiva de cada sequência enunciativa.

**(P) Parte do discurso de uma conversa sobre a velhice, quem chega na terceira idade com mais vigor ou mais “acabados”**

**Dizque** trabalho acaba com a vida, mas eu não sei não... eu fui criado sem mãe, e filho criado sem mãe já sabe como é que é né?

**(Q) Diálogo sobre o questionamento do término de um curso**

Falante 1 – E aí Mônica... esse... ainda tem esse ano pra ti ainda todinho né? termina esse ano?

Falante 2 – Hum... **Dizque**...

Falante 1 – (risos)

Falante 2 – A gente vai pegar vocês ainda...

**(R) Sobre pais na espera para realizar a matrícula de seus filhos**

Falante 1 - [...] Dormiram mesmo de colchonete, era rede, era papelão, era ... Meia noite teve chamada.

Falante 2 - Me falaram **dizque**, que foram atrás da prefeita pra deixarem dormir na escola.

Falante 1 - Foi... eles queriam fechar a escola. Pra ficar lá fora, pra esperar a vez lá fora. **Dizque** era briga e aí ela disse \_ Pode deixar a vontade. Aquela maloca **dizque** tava igual um navio de rede.

**(S) Diálogo sobre quando se iniciaria o trabalho**

Falante 1 - E aí mana tudo bem? Quando é que a gente começa a trabalhar?

Falante 2 - **Dizque** quando chegar nosso material

**(T) conversa sobre um assunto que havia ocorrido na cidade**

Falante 1 - Ei tu já tá sabendo? **Dizque** uma parente da dona Vânia foi presa com 450 comprimidos de êxtase.

Falante - Não tô sabendo não. Será que é verdade?

Falante 1 - **Dizque** é.

Em (P) e (Q), a função discursiva é duvidar, ao passo que, em (R), registramos as funções discursivas de relatar no 2º e 3º **dizque** e, por conseguinte, em (S), a função discursiva da dúvida. Ressaltamos aqui que o 1º **dizque**, em (R), assume o sentido de boato: “conhecimento de origem incerta ou que, por algum motivo, não pode ser identificada” (CASSEB GALVÃO, 2004, p. 170). Sobre os princípios, verificamos que nas ocorrências atua o mesmo campo funcional da forma prototípica **dizem que**. Em relação à especialização, ambas as formas são utilizadas igualmente no discurso. Há a presença de traços semânticos da forma-fonte, configurando a indeterminação do sujeito, além da perda do morfema -m.

As situações registradas acerca dos princípios em (P), (Q), (R) e (S) também são verificadas em (T), porém a função discursiva do 1º **dizque** de (T) assume a forma de especulação: “conhecimento de origem inacessível, isto é, somente o falante tem acesso à experiência cognitiva que o levou à emissão daquele enunciado” (CASSEB GALVÃO, 2004, p. 171), enquanto no 2º **dizque** tem-se a dúvida.

Por fim, consideremos (U):

**(U) Conversa de uma mãe sobre um pedido da filha**

Falante 1 - Hum, hum! olha **dizque** a bonitinha já quer me passar a perna.

Falante 2 - O que é que ela quer?

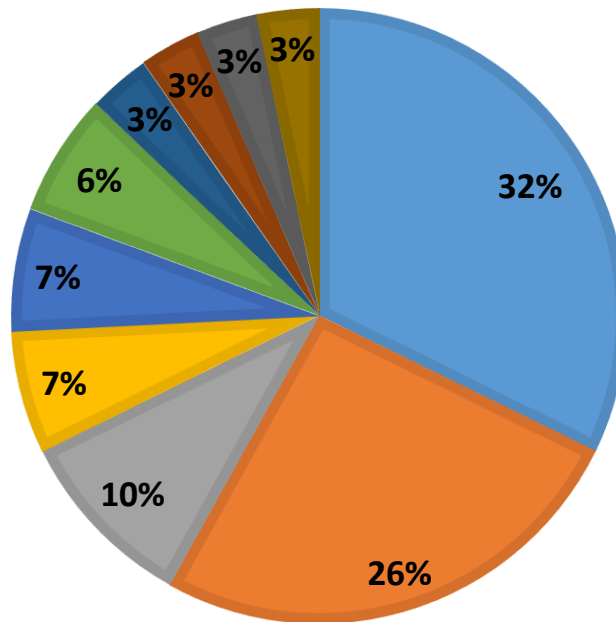
Falante 1 - Ela quer ir pra festa à noite.

A ocorrência em foco tem a função de dar ênfase em parte do discurso, numa entonação especial que indique surpresa. Distancia-se de quaisquer das possíveis funções prototípicas, quais sejam: **ele/ela diz que**, **eles/elas dizem que** e **dizem que**. Atendendo ao princípio da divergência.

Finalizadas as análises, foi possível identificar uma considerável variedade de funções discursivas do **dizque** e, para melhor observar a frequência dos usos dessas funções, apresentamos o gráfico seguinte:

### (%) DAS FUNÇÕES DISCURSIVAS

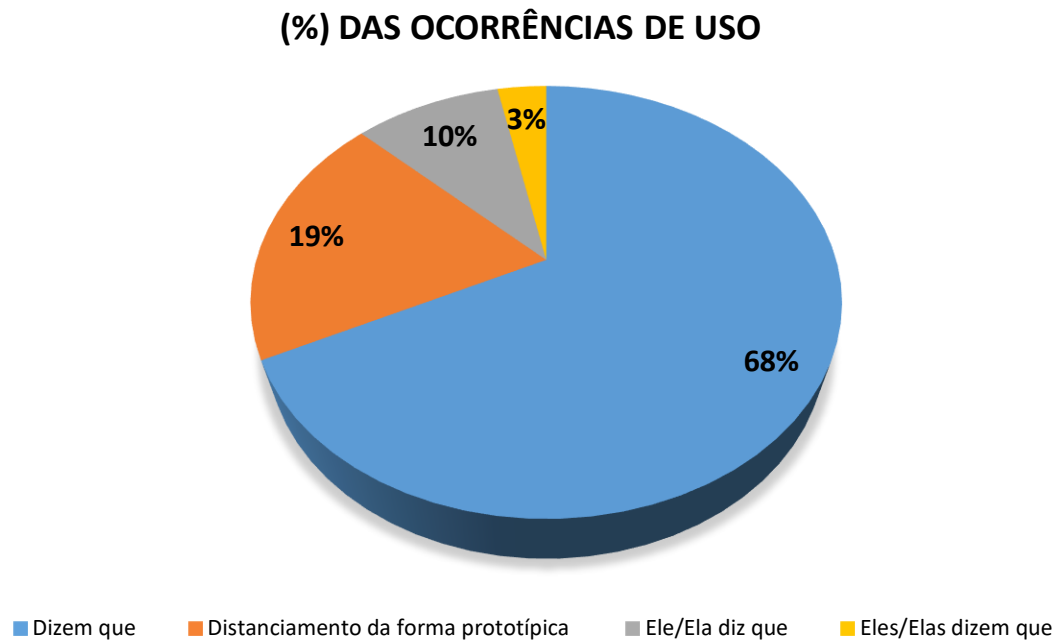
■ Duvidar ■ Relatar ■ Enfatizar ■ Confirmar ■ Boato ■ Questionar ■ Adversativo ■ Reafirmar ■ Especular ■ Recontar



**Gráfico 1: Ocorrências das funções discursivas do dizque**

Diante dos resultados observados no gráfico, afirmamos categoricamente que as funções mais comumente utilizadas nos diálogos adquiridos são: de **duvidar, relatar e enfatizar**, contudo, dentre estas funções, a mais relevante é de duvidar devido a sua inúmera frequência de uso. Além das funções já mencionadas, há também outras, como por exemplo: **confirmar, boato, questionar, adversativo, reafirmar, especular e recontar**. No entanto, estas funções apresentam-se com menos frequência. Em nossos estudos foi possível identificar dez funções para o emprego do **dizque**, embora possam existir outras que não tenham sido acionadas durante nossas coletas de dados, permitindo, assim, afirmar que este elemento se encontra em estágio proeminente de gramaticalização cuja forma com funções distintas emerge do uso que se faz. Em suma, essa magnitude de funções leva-nos a pensar na sua vasta multifuncionalidade dentro do discurso.

Observadas todas as ocorrências das funções acionadas em nosso *corpus* de pesquisa, notamos que o **dizque** mais frequente relaciona-se com a construção **dizem que**, como podemos observar no gráfico a seguir:



**Gráfico 2: Uso das formas prototípicas do *dizque***

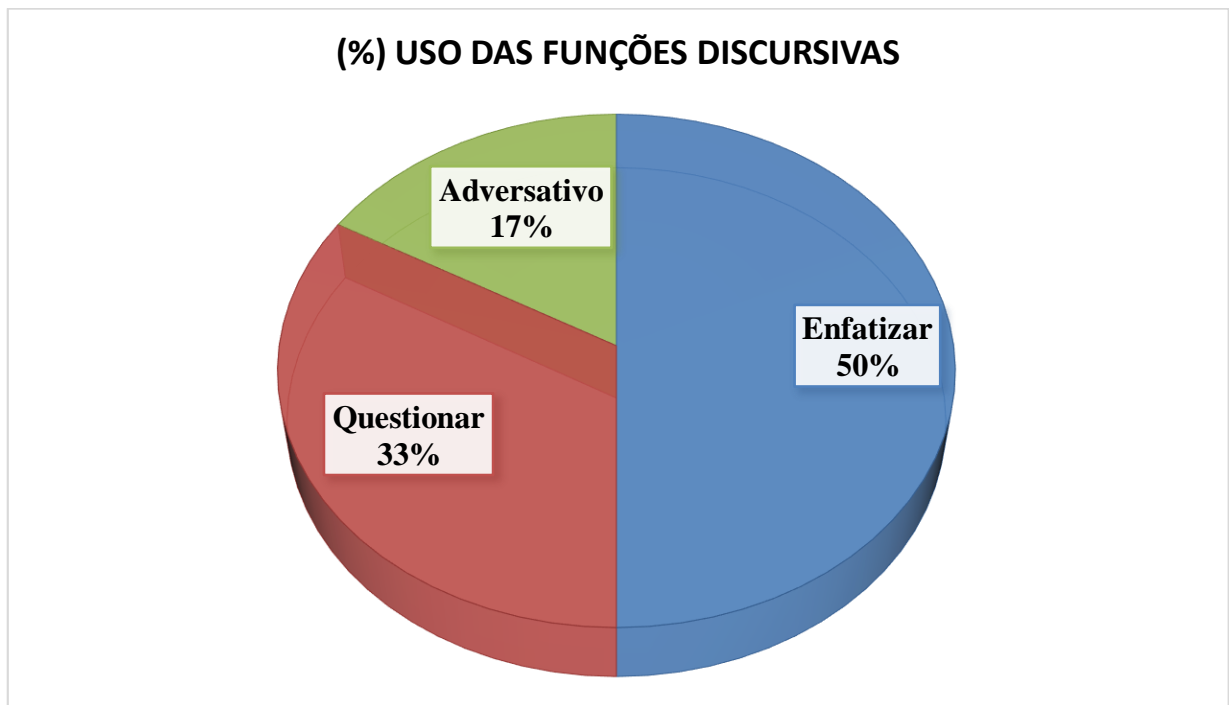
De acordo com o que se pode observar nos resultados do gráfico, o uso da forma prototípica **dizem que** com sujeito indeterminado nos mostra uma porcentagem bem elevada em relação às outras formas-fonte, com isso, podemos confirmar que esta é a matriz do **dizque**, ou seja, é o estágio inicial de gramaticalização deste item. Um outro resultado significativo que podemos visualizar é o uso do **dizque** com o distanciamento dos itens fontes, o que nos possibilita entender que quando o uso deste elemento se distancia de sua forma prototípica é mais gramaticalizada, pois torna-se mais abstrato, interpessoal e pragmático, perdendo, portanto, a “força” argumentativa de verbo do dizer.

A frequente escolha do **dizque** em relação ao **dizem que** pode ser explicada, observando-se outro princípio da corrente funcionalista: a marcação. Este princípio tem como objetivo contrastar dois elementos de uma dada categoria linguística para identificar a categoria marcada e a não-marcada, em que a marcada é menos frequente no discurso enquanto a não-marcada é mais recorrente. Partindo desse pressuposto, podemos dizer que o **dizque** é a forma

não-marcada. Para distingui-las, utilizamos três critérios pré-estabelecidos: complexidade estrutural, distribuição de frequência e complexidade cognitiva.

Em relação ao **dizque**, o **dizem que** possui uma estrutura maior, mais complexa; é menos acionada no discurso e demanda mais esforço mental, exigiria atenção quanto ao seu emprego, pois é uma construção conjugada na terceira pessoa do plural, o que prediz concordância com o contexto utilizado. Todas essas propriedades levam o falante a escolher o elemento que exige menos esforço e atenção no seu uso, neste caso, o **dizque**.

Por estarmos tratando da gramaticalização dessa construção podemos observar que ela se apresenta em algumas funções em estágio mais gramaticalizado, das 31 ocorrências registradas 19% se afastam completamente de suas possíveis formas-fonte apresentando-se em três funções distintas: enfatizar, questionar e adversativo. No gráfico apresentado adiante visualizamos a frequência do uso dessas funções discursivas em que há o distanciamento da forma fonte:



**Gráfico 3: Frequência do uso das funções discursivas que se distanciam das formas fontes.**

A partir dessas funções discursivas, foi possível confirmar o estágio mais avançado de gramaticalização, ou seja, elas distanciam-se completamente das possíveis formas-fonte e, com isso, atendem a menos princípios propostos por Hopper (1991), sendo um deles a divergência pelo fato de não coexistir no mesmo campo funcional que suas possíveis formas prototípicas e a especialização, pois estas funções, quando acionadas, substituíram formas já existentes para

codificar determinada função, evidenciando, portanto, situações pragmáticas e abstratas. Portanto, esses casos validam a afirmação de que estes usos são ainda mais gramaticalizados se comparados aos outros exemplos em que não há evidente distanciamento das formas-fonte.

## CONSIDERAÇÕES A QUE CHEGAMOS

Em face das análises apresentadas, foi possível reconhecer diversas funções discursivas assumidas pelo **dizque**. Essa gama de funções o permite emergir em diferentes contextos, contudo, observamos um predomínio da função discursiva de duvidar e relatar. Ficou claro que, nos exemplos em que ocorreram essas duas funções, a forma gramaticalizada aproxima-se da função de sua forma prototípica (em sua maioria, o **dizem que**). Nos casos em que o **dizque** foi acionado em função de expressar dúvida, o enunciador quis instituir um valor de desconfiança ao que dizia, traço presente na forma prototípica por não evidenciar o agente do dito.

Algumas das funções encontradas possuem diferenças tênues que só ficam esclarecidas através da compreensão de todo o discurso e também da entonação de voz no momento da fala. As expressões que exprimem dúvida e as de boato têm características sutis, quando são acionadas na função de dúvida percebe-se hesitação do falante. Quanto à veracidade da informação, é perceptível sua incredulidade (transmitida através do tom da voz) diante do fato/informação que está passando. Quando acionadas na função de boato, não é perceptível a “opinião” do produtor do discurso em relação ao que é transmitido, ele reproduz uma notícia anônima e sem confirmação que se espalha rapidamente (fofoca), que por sua vez se diferencia da função de recontar, pois esta trata da perpetuação de um conhecimento/crendice popular.

Nas ocorrências da função de enfatizar, o objetivo do autor do discurso foi sempre o de realçar o sentimento de surpresa diante de uma informação/fato, enquanto que a função de confirmar tem a ver com a informação a que se refere e a função de reafirmar será acionada sempre após uma confirmação para “afirmar de novo” o que já havia sido dito.

As funções que tiveram menor número de registros de uso, como as funções de enfatizar, questionar e adversativo, são itens que perdem os indícios de sua forma-fonte, tanto que não é possível afirmá-la precisamente, configurando elementos “mais” gramaticalizados. Por mais que exista uma estrutura similar em uso, elas se diferenciam quanto à função discursiva que assumem, evidenciando o princípio da divergência que nos afirma que mesmo as formas prototípicas e gramaticalizadas sendo etimologicamente semelhantes seus campos de atuação são distintos.



Por ter um uso pragmático e por abranger um conhecimento empírico dos falantes, podemos afirmar que existem outras funções que aqui não estão registradas pelo uso menos frequente, mas que, assim como os que registramos, emergem no discurso pela necessidade de agilidade da informação. Uma característica inerente ao princípio da especialização que pelo estreitamento de opções leva a escolher a mais sucinta e que menos esforço exigir. Nesses casos, o uso da forma prototípica traria consigo as exigências de concordância verbal e etc, o que não se torna interessante quando desejamos rapidez em transmitir uma informação.

Por meio da teoria de Hopper, foi possível analisar e identificar o estágio de gramaticalização do **dizque**. Percebemos que conforme atendiam aos princípios propostos por este teórico “menos” gramaticalizada era a forma, isso porque seus parâmetros focalizam os estágios iniciais do processo, porém também evidenciam os estágios mais avançados.

Quanto a esses estágios mais avançados observamos que apresentou uma frequência relevante de uso em que foram utilizadas para codificar funções para formas já existentes, ou seja, existiam outras opções de escolha para expressar o que o falante queria transmitir naquela situação discursiva. Na maioria desses casos os sujeitos do discurso tinham o intuito de expressar surpresa diante de algum fato inesperado, dentre outras intenções. Evidenciando que este elemento se encontra em estágio eminente de gramaticalização.

Acreditamos que essa pesquisa contribui para a compreensão de como os amapaenses fazem uso dessa expressão em seus discursos e em que situações são acionadas, expandindo os conhecimentos sobre a fala da Região Norte e também cooperando para esse campo de pesquisa, inclusive como forma de incentivar a mesma em nosso Estado.

Então, por ora, esses resultados finalizam essa pesquisa, porém também dão margem para um desdobramento maior, para uma análise mais ampla dentro da própria teoria funcionalista a partir do princípio da gramaticalização ou outras teorias que analisam a língua a partir dos usos reais, como a sociolinguística, por exemplo.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Anderson Monteiro. PAIVA, Nágida Maria da Silva. **Análise de funções textuais/discursivas de adjuntos em narrativas: resignificando o ensino da sintaxe na educação básica.** Anais eletrônicos da XXVI Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste – Gelne. Pag. 41 a 51. 2016.

ASSIS, Dalva Lobão. **Expandindo os limites da gramática a multifuncionalidade linguístico-discursiva da construção NÃO pré-verbal em redações de vestibular.** Tese de doutorado. UFPB, 2016.

CASSEB GALVÃO, Vânia Cristina. **De predicação matriz a operador evidencial. A gramaticalização de *diz que*.** Universidade estadual de Goiás. VEREDAS- Rev. Est. Ling. Juiz de Fora, v.8, n.1 e n.2, p.163-181, jan/dez 2004.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. **Funcionalismo.** In: Martelotta, Mario Eduardo (org). Manual de linguística 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, A., OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs). **Linguística Funcional: teoria e prática.** 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; CARVALHO, Cristina dos Santos. Critérios de Gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs). **Introdução à Gramaticalização.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; KENEDY, Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, A., OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs). **Linguística Funcional: teoria e prática.** 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MONTEIRO, Luiz Antônio Cavalcanti. **Texto jornalístico: semântica e discurso em verbos dicendis.** Palimpsesto, Rio de Janeiro, Ano 15, n. 23, jul-dez 2016. p.709-723. Disponível em: < <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num23/estudos/palimpsesto23estudos05.pdf> >. Acesso em: 10/08/2017. ISSN: 1809-3507

SOUZA, Mário Cesar da Silva. **A sintaxe dos predicados existenciais no português brasileiro atual/ Mario Cesar da Silva Souza;** orientadora: Eneida do Rego Monteiro Bomfim. Dissertação (Mestrado em Letras). PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2009.